

**NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO**Stephanie Dorneles e Silva PIERUCCINI (UNICAMP)¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo de caso de um jovem de 23 anos (GF) que sofreu, em 2010, um traumatismo cranioencefálico (TCE) que o deixou com uma afasia verbal (FREUD, 1891/1973) acompanhada de uma hemiplegia à direita. O sujeito GF participa de acompanhamentos longitudinais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP – Grupo II). Por meio da análise de alguns dados, será considerado o pressuposto teórico da Neurolinguística Discursiva, que adota uma concepção sócio-histórica de linguagem, lugar de interação/interlocução, onde o sujeito e a linguagem se constituem mutuamente.

Palavras-chave: Neurolinguística Discursiva; afasia; Freud

Abstract: This article presents a case study of a 23 year old (GF) that suffered, in 2010, a crane encephalic trauma (TCE) that left him with a verbal aphasia (Freud, 1891/1973) accompanied by a right hemiplegia. The subject GF participates in longitudinal follow up of Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP – Grupo II). Through the analysis of some data, will be considered the theoretical assumption of Discursive Neurolinguistics, which adopts a socio-historical conception of language, place of interaction/dialogue, where the subject and language are mutually.

Keywords: Discursive Neurolinguistics; aphasia; Freud

1. Introdução

Neste trabalho apresento o estudo neurolinguístico de um jovem (GF)¹ de 23 anos, destro, que sofreu um traumatismo cranioencefálico em 2010, quando trabalhava durante o dia e cursava o Ensino Médio no período noturno. O acidente sofrido por GF deixou-o com uma afasia verbal (FREUD, 1891/1973) e uma hemiplegia à direita. Segundo Freud (1891/1973), a afasia verbal afeta as associações entre os distintos campos da representação de palavra: auditivos, visuais e cinestésicos.

GF apresenta dificuldades para ler, escrever e apresenta uma fala em estilo telegráfico. Costuma assistir a filmes legendados, nos quais as imagens auxiliam a entender o enredo, e frequenta o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) de sua cidade. GF compreende o que lhe é dito e é um jovem que mantém contato com seus amigos e que tem uma intensa vida social: conversa com seus amigos no *whatsapp*, sai para pular carnaval, atividades que o mantêm sujeito da linguagem e o ajudam a lidar melhor com suas dificuldades. Atualmente, GF frequenta o Centro de Convivência de Afásicos (CCA² – Grupo II), localizado no Instituto

¹ Mestranda do Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), CEP 13083-970, Campinas – São Paulo, Brasil. A pesquisadora é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).



de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL), e participa das sessões individuais e coletivas semanalmente desde 2011.

Com base em uma perspectiva discursiva (COUDRY, 1988), será analisado, sucintamente, o quadro afásico de GF e contextualizado o conjunto de “dado-achados” (COUDRY, 1996) que envolvem atividades de GF com a linguagem (fala, leitura e escrita).

2. Pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva

A Neurolinguística Discursiva (ND) parte de uma perspectiva discursiva, relacionando discurso com atividade constitutiva, cérebro com linguagem. Com essa perspectiva teórica, a avaliação e também o acompanhamento longitudinal têm como ponto de partida a interlocução, ou seja, a relação entre dois sujeitos falantes de uma língua, tendo cada um as suas particularidades, que se encontram em situações reais e específicas de interlocução. Encontramos em Franchi (1987) a perspectiva na qual a ND se embasa teoricamente:

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas linguísticos, as línguas naturais de que nos servimos. (FRANCHI, 1987, p.12)

A ND considera a relação entre sujeito e linguagem, pois o sujeito, além de se colocar como interlocutor, também coloca o outro como interlocutor, produzindo um processo dialético através da linguagem, tal como discutido por Franchi (1992). Desta forma, é com essa concepção de linguagem que este artigo lidará com um sujeito sem desconsiderar sua subjetividade e sua relação com a linguagem para, então, analisar o caminho que percorre para ser sujeito que fala para outros que também falam (BENVENISTE, 1995).

Um dos autores que a ND embasa sua perspectiva teórica é Luria (1979), que critica a concepção localizacionista de um cérebro dividido em diversas regiões, sendo cada uma delas responsável por uma função específica. Nessa abordagem, uma lesão em uma área do cérebro afetaria unicamente uma determinada função orgânica. Contrariando essa visão, Luria (1979) formula o conceito de “Sistema Funcional Complexo”, considerando as regiões de modo dinâmico, plástico, holístico e relacionado a diversas funções interligadas.



O conceito de “Sistema Funcional Complexo” considera que o cérebro é constituído por complexos sistemas funcionais que trabalham em conjunto. Cada unidade é organizada hierarquicamente, mas todas contribuem para o funcionamento do cérebro como um todo. Na atividade da escrita, por exemplo, há várias funções presentes: auditivas, cinestésicas, visuais, motoras, realizando um trabalho coordenado entre as três unidades funcionais do cérebro descritas por Luria: Bloco I, constituído por estruturas do tronco cerebral e responsável pela vigília e seleção de estímulos; Bloco II, constituído pelos lobos parietais, temporais e occipitais, e tem como função receber, elaborar e registrar informações recebidas pelo cérebro; Bloco III, constituído pelo lobo frontal e tem como função programar, regular e controlar as atividades cerebrais³ (LURIA, 1979).

A perspectiva luriana considera o sujeito em relação ao seu meio social e histórico. Essa visão sugere um sujeito comprometido com a sociedade por um lado, e singular, por outro, sem que seja possível esperar do sujeito atitudes padronizadas, regulares em relação à linguagem. Esperar sujeitos idealizados conduziria um olhar investigativo e clínico ao desvio, à falta. Na contramão disso, tem-se a crítica de Canguilhem (2002) sobre a oposição “normal” e “patológico”, e o conceito de “normatividade”.

Não existe fato que seja normal ou patológico em si. A anomalia e a mutação não são, em si mesmas, patológicas. Elas exprimem outras normas de vida possíveis. Se essas normas forem inferiores às normas anteriores, serão chamadas patológicas. Se, eventualmente, se revelarem equivalentes – no mesmo meio – ou superiores – em outro meio – serão chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade. (CANGUILHEM, 2002, p. 113)

Assim, a anomalia é uma variação de uma determinada norma de vida que não pode ser necessariamente tomada como patológica, que pressupõe uma relação entre o organismo e seu meio. Para Canguilhem (2002), o que costuma ser tomado como patológico pode ser uma outra normatividade em relação à vida, “um ser vivo é normal num determinado meio na medida que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder às exigências do meio” (CANGUILHEM, 2002, p. 113).

No caso da afasia, é justamente a relação *velho/automático* e *novo/voluntário* (FREUD, 1891/1973) que atua na mobilidade da barra que diferencia o normal do patológico (COUDRY, 2008; COUDRY, 2010).

A mobilidade da barra – que nem sempre é a mesma – determina o que é da ordem do normal e o que é da ordem do patológico, a depender de fatores fisiológicos, psíquicos e históricos que, por um lado, funcionam como



dispositivos (AGAMBEN, 2006/2009) biológicos e históricos que regulam/condicionam os diferentes modos de viver em sociedade e que, por outro, representam cada sujeito em particular. (COUDRY, 2010)

3. O estudo *La afasia*, de Freud (1891)

O texto “La afasia”, de Freud (1891/1973), é considerado uma publicação pré-psicanalítica e foi escrito quando os estudos neurológicos se preocupavam com a localização das funções cerebrais. Na época, os neurologistas Broca e Wernicke já haviam relacionado determinadas lesões a certos tipos de afasia. Assim, enquanto vários estudiosos buscavam descobrir a localização das funções da linguagem, Freud passava a analisar criticamente a teoria localizacionista.

O autor cria um modelo de aparelho de linguagem, de natureza associativa, para explicar o funcionamento normal da linguagem e também um funcionamento afetado por uma modificação funcional motivada por uma determinada lesão, afetando o velho (o que o sujeito conhece) da língua (COUDRY, 2008; COUDRY, 2010). De acordo com Freud (1891/1973) temos, então, que uma lesão afeta o funcionamento do aparelho da linguagem, que não é formado por centros distintos e separados, mas é uma região contínua onde ocorrem associações. Trata-se de um aparelho psíquico que, por realizar um percurso fisiológico, permite ao sujeito resgatar o que já foi representado pelo aparelho (FREUD, 1891/1973).

Para Freud (1891/1973), o fisiológico e o psicológico mantêm uma relação de concomitância. Baseando-se em estudos de Hughling Jackson, o autor defende que as excitações fisiológicas não deixam de existir quando os processos psíquicos têm início, mas tendem a continuar. Esse processo se estende por todo o córtex: a percepção (fisiológico) produz modificações funcionais no sistema nervoso que podem ser lembradas se o percurso for percorrido novamente, em estados normais e patológicos (COUDRY; FREIRE; GOMES, 2006).

Freud (189/1973) considera a **palavra** como uma unidade funcional, psicológica, do aparelho de linguagem, sendo que uma lesão ocasionaria uma desintegração dos elementos constitutivos da palavra: auditivos, visuais e cinestésicos. Esses constituintes da **palavra** estão presentes em associações que fazemos nas diversas atividades de linguagem: repetir, soletrar, ler, escrever. Quando aprendemos a falar associamos a imagem sonora da palavra com a impressão cinestésica da palavra. Segundo Freud (1891/1973), nessa época em que as crianças estão aprendendo a falar, a segunda imagem sonora da palavra não precisa ser idêntica à primeira imagem sonora. Isso quer dizer que uma determinada palavra pronunciada

pela criança nem sempre se assemelha à mesma palavra pronunciada pelo Outro. Trata-se de um momento importante para o aprendiz, pois a criança aprende na medida em que tenta ajustar a imagem sonora que produz com a impressão cinestésica e acústica produzida pelo outro e, desta forma, aprende repetindo. A perda da função corretora, de tentar aproximar a própria fala da fala do outro, segundo o autor, explica as peculiaridades da parafasia.

Freud (1891/1973) também relaciona a soletração e sua relação com a fala, leitura e escrita. Segundo ele, associamos “*las imágenes visuales de las letras con nuevas imágenes sonoras que inevitablemente recuerdan sonidos de palabras ya conocidos*” (FREUD, 1891/1973, p. 88). Assim, ao soletrarmos determinada palavra, ela nos apresenta duas imagens sonoras que tendem a ser idênticas e duas impressões motoras que correspondem uma à outra. Para ler com compreensão é preciso associar a imagem visual da letra e sua imagem sonora, encontrada na imagem sonora da palavra antiga, que o sujeito reconhece na sua própria fala, ou seja, lemos com compreensão a partir do momento que as impressões de inervação e cinestésicas das palavras nos são familiares, já idênticas as que usamos para falar.

A palavra, portanto, apresenta uma complexidade de associações entre elementos visuais, acústicos e cinestésicos que a constituem. Mas, para além disso, Freud (1891/1973) considera que o significado que uma palavra está associado ao conceito de objeto. Antes de abordar essa noção de objeto, torna-se importante observar a figura a seguir:

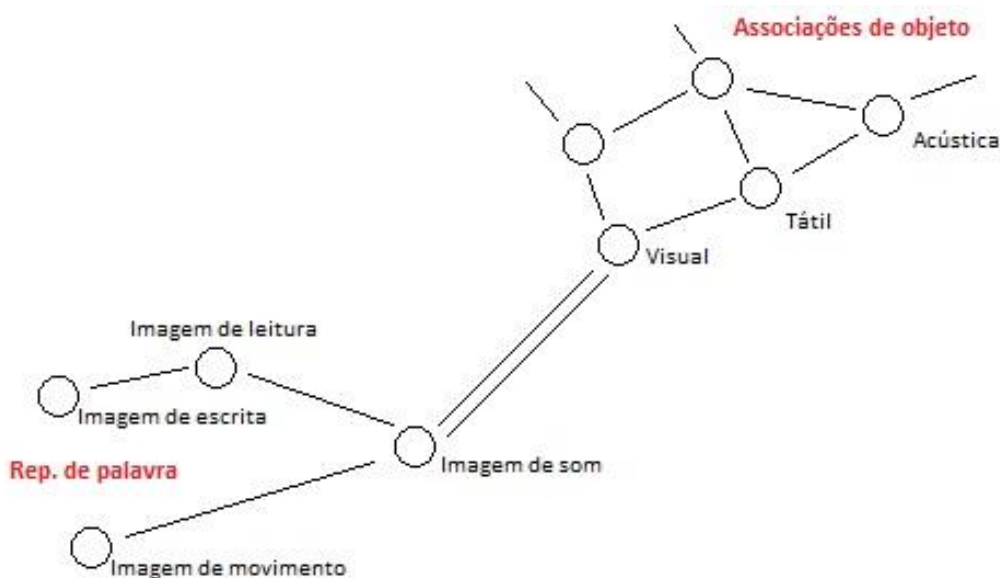


Figura 1 – Esquema da representação de palavra (FREUD, 1891/2013, p. 102, tradução de Emiliano de Brito Rossi).

De acordo com a figura acima, a **palavra** ganha significado devido a sua associação com a representação de **objeto**, constituída também por alguns elementos, tais como visual,



tátil e acústico e que se apresenta como uma representação aberta, ao contrário da ideia de palavra, que se encontra fechada, embora seja capaz de se estender. Fisiologicamente, ao longo da vida do sujeito, essas associações trazem modificações no córtex que podem ser recordadas. Além disso, as diversas associações formam outras cadeias associativas, chamadas de superassociações, que são mais facilmente afetadas por uma lesão (FREUD, 1891/1973).

Assim como Bordin (2010), podemos dizer que o modelo de aparelho de linguagem considera o sujeito e sua relação dinâmica com o que é externo, o que pode ser notado nessa representação aberta da ideia de objeto, possibilitado a novas impressões, novas associações, “pois um mesmo objeto pode ser percebido e experimentado de maneiras diferentes, em situações diferentes ao longo da vida do sujeito” (BORDIN, 2010, p. 31).

4. Dados-achados

O conceito de dado-achado, proposto por Coudry (1996), é compatível com o “paradigma indiciário”, de Ginzburg (1989), discutido por Abaurre et al. (1997) nos estudos de aquisição de escrita. Essa compatibilidade se dá pelo fato de a metodologia adotada pela ND analisar os detalhes e pormenores dos dados. Ao discutir o conceito de “dado-achado”, Coudry e Freire (2010) descreve três maneiras de se trabalhar com os dados. A primeira, chamada “dado-evidência”, é ancorada por uma concepção homogênea de linguagem e, por isso, é usada para quantificar e classificar os diversos testes feitos com a linguagem; a segunda, chamada “dado-exemplo”, é usada para descrever uma hipótese já pré-estabelecida pelo pesquisador. Por fim, encontra-se o “dado-achado” ancorado numa concepção heterogênea e indeterminada de linguagem, sendo o sentido construído e não dado de antemão. Tal concepção privilegia o funcionamento da linguagem na interação entre investigador e sujeito.

DADO 1: Álbum de fotos

Nessa sessão individual, GF levou ao CCA o seu álbum de fotos de infância. Num determinado momento, um dos investigadores perguntou quem era o senhor que o segurava no colo:

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
GF	Vô...é... morreu		



INV.1	Morreu? É por parte de mãe ou por parte de pai esse vô?		Apontando para a foto
GF	É... não. É vô, vô... peraí... é... não, é... velhinho, velhinho, é... vô é...		Apontando para a foto
INV.2	Mas ele é pai da sua mãe ou do seu pai?		Apontando para a foto
GF	Não		
INV.1	Ele era um vô, assim, de consideração		
GF	Não, é...		
INV.1	É vô mesmo?		
GF	É... é... nossa		Estalando os dedos
INV.1	Ele é pai do seu padastro?		
GF	Não		Fazendo não com a cabeça
GF	Ah... deixa quieto		
INV.2	Não, tenta falar	Falando junto com INV.1	
INV.1	Não, a gente tá curiosa		
GF	Eh...		
INV.1	Ele é seu vô?		
GF	É		
INV.2	Vô de sangue?		
GF	Isso		
INV.2	Ele é vô de sangue mesmo, só que aí ele é... ele é um pai, assim, não é pai biológico, mas ele é um pai da sua mãe ou do seu pai, é isso? Ele é como se fosse um padastro da sua mãe ou do seu pai?		



GF	Não, vô... é vó, vó,		Mostrando na foto
INV.2	Mãe da sua mãe?		Mostrando na foto
GF	Isso		
INV.2	Essa é mãe da sua mãe?		
GF	É		
INV.1	Ele é o segundo marido dela?		
GF	Não		
INV.2	Ele é casado com ela?		
GF	Não... é		
INV.2	Não... são irmãos?		
GF	Não... é... vó... é, velhinho, velhinho, é...		
INV.2	É amigo?		
GF	Isso... é		
INV.2	Eles são amigos?		
GF	Amigos, é... firme e forte, é...		
INV.1	Esse firme e forte quer dizer o quê?		Risos
INV.2	Mas e/	Falando junto com INV.1	
INV.1	Eles são casados?		
GF	Não, é...		
INV.2	Eles são só amigos?		
GF	Não, é... de sangue		
INV.2	Eles são primos?		
GF	É... outro		
INV.2	Irmão?		
GF	Não		
INV.1	Ele é seu bisavô?		
GF	Isso!		

Fonte de dados: Banco de Dados em Neurolinguística (BDN), CCA – Grupo II.



Nota-se como foi difícil para GF chegar à palavra “bisavô” e como ele buscou outro caminho para poder dizer aquilo que pretendia, mas que não saía da ponta da língua. Esse rearranjo é facilitado pelo jogo de interlocução presente durante o atendimento, visto que GF compartilhava as diversas informações sobre seu álbum de fotos com os investigadores. Assim, quando lhe perguntavam algo, ele utilizava o álbum como auxílio – apontava o senhor na foto e dizia velhinho, velhinho. Na foto GF tinha cerca de 3 anos de idade e, por isso, buscou enfatizar que se tratava de alguém mais velho do que seria o seu avô. Ele enfatiza a palavra, repetindo: velhinho, velhinho. Nesse caso, uma análise centrada na falta, além de identificar a falha na combinação entre os eixos paradigmático e sintagmático, também identificaria a repetição como uma característica, um sintoma de sua patologia.

Em relação a isso, recorro a Coudry, Ishara e Sampaio (2010), que discutem o fato de a repetição ser tratada de forma preconceituosa na linguagem dos idosos, além de geralmente ser considerada como um sintoma de déficit, erro, declínio cognitivo. Apesar de GF não ser um idoso, mas um jovem afásico, a discussão das autoras contribui com a análise do dado apresentado. Com base em autores que buscam outras interpretações sobre o recurso da repetição, Coudry, Ishara e Sampaio (2010) defendem a importância de “interpretar a repetição como um acontecimento normal no uso da linguagem em situações interativas e não como indício e/ou sintoma de patologia” (COUDRY; ISHARA; SAMPAIO, 2010, p. 6).

No caso de GF, ele sabia o que queria dizer, mas devido à dificuldade de chegar na palavra “bisavô”, a repetição foi um recurso para enfatizar a idade do senhor da foto. Pode-se dizer que a palavra “bisavô” apresenta-se como nova para GF, mas como velha quando pronunciado pela INV.1 ao perguntar se o senhor da foto seria seu bisavô (COUDRY, 2010). O velho corresponde “ao conhecido, automatizado, irrefletido; o novo, diferentemente, aparece, muitas vezes, como indeterminado, desconhecido e também refletido” (COUDRY, 2008, p.13). Na afasia, se antes as palavras estavam ao seu dispor, agora é trabalhoso conseguir acessar os gestos articulatórios do velho da língua (COUDRY, 2010). Desta forma, como GF não conseguia chegar à palavra “bisavô”, houve uma redistribuição do modo de funcionamento do aparelho de linguagem (FREUD, 1891/1973), o que o fez ir por um outro caminho e enfatizar a idade do senhor da foto.

Em outras palavras e retomando a associação entre palavra e objeto (FREUD, 1891/1973), GF associou a impressão visual do objeto (na foto o senhor aparentava ser mais velho que seu avô) com a expressão enfática velhinho, velhinho. A palavra desejada estava na ponta da língua, tal como às vezes ocorre com pessoas não afásicas e, por isso, ele



logo confirma a hipótese do INV.1 de que o senhor era seu bisavô. Assim, a primeira imagem sonora da palavra está conservada, mas falta a imagem cinestésica para conseguir produzir a imagem acústica da palavra (FREUD, 1891/1973). Isso ocorre devido à afasia verbal de GF que afetou as associações entre os distintos campos da representação de palavra: auditivos, visuais e cinestésicos, causando uma desautomatização de processos já aprendidos (FREUD, 1891/1973).

DADO 2: Presente de aniversário

Nessa sessão individual, GF conta que ganhou R\$200,00 reais de aniversário do seu avô. Por apresentar dificuldades de dizer “duzentos reais”, GF opta por dizer através de gestos com as mãos (representa o número dois com o dedo indicador e médio; representa o número 0 encostando a ponta do polegar com os demais dedos da mão e formando um círculo).

Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
INV.1	E o aniversário?		
GF	O quê?		
INV.1	Ganhou presente? Você fez aniversário...		
GF	Ah, o vô		
INV.1	Seu vô?		
GF	Isso, isso, isso		Fazendo gestos com as mãos para dizer 2, 0 e 0
INV.1	Seu vô deu 2 presentes?		
GF	Não, dinheiro		Fazendo gesto de dinheiro com a mão
INV.2	É um presentão, né	Falando junto com INV.1	
INV.1	Ah... assim? R\$200?		Fazendo 2, 0 e 0 com a mão
GF	É		

Fonte de dados: Banco de Dados em Neurolinguística (BDN), CCA – Grupo II.

Devido a sua afasia, GF apresenta dificuldades para chegar às palavras, tanto na escrita quanto na fala. A modificação funcional do aparelho de linguagem (FREUD, 1891/1973) afetou a concomitância entre combinações e seleções (JAKOBSON, 1975a), levando-o a percorrer caminhos alternativos para dizer o que pretende. Um desses caminhos é



GF recorrer a outro sistema semiótico para ser entendido, realizando uma “tradução intersemiótica” (JAKOBSON, 1975b) para fazer referência ao número 200. Para dizer “duzentos”, GF precisaria verbalizar a sequência de números em ordem crescente, comum na afasia devido à quebra de automatismo ocasionada pela modificação funcional do aparelho de linguagem (FREUD, 1891/1973). Assim, lembrar da imagem sonora e motora da palavra “duzentos” para dizê-la é um percurso mais difícil para GF. No caso de numerais grandes, como 200, esse percurso torna-se mais demorado e GF utiliza outros caminhos para ser entendido. Diante disso, como tantos afásicos, ele opta por traduzir “signos por outros signos pertencentes ao mesmo ou a outro sistema” (JAKOBSON, 1975b, p. 66).

Considerações Finais

Neste artigo, busquei analisar, brevemente, dados do sujeito GF, afásico de 23 anos, à luz da Neurolinguística Discursiva e de alguns conceitos utilizados por Freud (1891/1973), em seu escrito *La afasia*. As dificuldades enfrentadas por GF podem ser analisadas de acordo com a noção de “aparelho de linguagem”, que, por sua vez, possibilita-nos identificar como GF consegue percorrer outros caminhos para se fazer entendido, o que é possibilitado pela característica funcional do aparelho de linguagem, sujeito a rearranjos (FREUD, 1891/1973; COUDRY; FREIRE; GOMES, 2006).

5. Referências

- ABAURRE, M. B.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. **Cenas de aquisição de escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística? In: CASTRO, M. (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Unicamp, 1996, p. 179-194.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; GOMES, T. M. Sem falar, escrever e ainda sujeito da linguagem. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 1375-1386, 2006.
- COUDRY, M. I. H. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Estudos da Língua(gem), v. 6, p. 7-36, 2008.



COUDRY, M. I. H. Caminhos da Neurolinguística Discursiva: o velho e o novo. In: COUDRY, M. I. H. (Org.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem.** Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 379-399.

_____, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H. (Org.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem.** Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 23-48.

COUDRY, M. I. H.; ISHARA, C. ; Sampaio, N. F. S. Dado e novo na linguagem de idosos. In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V. (Org.). **Da fonética ao discurso: questões de pesquisa.** São Carlos: Claraluz, 2010.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos.** Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada,** Campinas: IEL/Unicamp, n. 9, p. 5-45, 1987.

FREUD, S. (1891) **La afasia.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

FREUD, S. (1891) **Sobre a concepção das afasias:** um estudo crítico. Tradução Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GINZBURG, C. Sinais – raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1975a. p. 34-62.

JAKOBSON, R. Aspectos Lingüísticos da tradução. In: _____. **Lingüística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1975b. P. 63-72.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

¹ Trata-se de um dos sujeitos participantes da pesquisa de Mestrado que venho desenvolvendo, sob orientação da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Unicamp, sob parecer 998.209.

² As atividades de CCA tiveram início em 1989, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp), e é um espaço frequentado por afásicos e não afásicos. Nesse local, todos compartilham seus interesses, contam histórias, leem e discutem notícias, cozinham, teatralizam cenas e situações cotidianas.



³ Os Blocos II e III são subdivididos em zonas primárias (recebem e enviam os impulsos motores), secundários (processam as informações e preparam os impulsos motores) e terciárias (integram a participação das diferentes zonas).